

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO

Daniel Castello Branco Ciarlini¹

RESUMO

Ao definir como objeto de estudo o jornal *O Popular*, da cidade de Floriano, no Piauí, entre os anos de 1918 e 1921, este artigo investiga, de um ponto de vista deslocado do eixo Rio-São Paulo, as mensurações valorativas que permearam o campo literário nacional. Identificam-se a mecânica da anteposição *underground-mainstream* e, a partir dela, os horizontes de leitura que estavam por trás dos articuladores da referida folha de imprensa, em especial de seu editor, Daniel Paz, poeta teresinense que acumulou a função jornalística com a de juiz de direito no período e no espaço estudados. Parte-se do entendimento de que os referidos termos-problema devem ser avaliados a partir de critérios distintos, mas não isolados. Nesse sentido, enquadramentos em subvalorização e em sobrevalorização de escritores e de obras se mostraram relacionados, muitas vezes, a posições geográficas, infraestrutura e vínculos de ordem material e/ou simbólica.

Palavras-chave: *Underground*; *mainstream*; literatura e imprensa; Piauí.

UNDERGROUND AND MAINSTREAM ON THE NATIONAL LITERARY FIELD IN O POPULAR, IN THE CITY OF FLORIANO

ABSTRACT

By defining as an object of study, the newspaper *O Popular*, in the city of Floriano, Piauí, between 1918 and 1921. This article investigates, from a point of view detached from the Rio-São Paulo axis, the evaluative measurements that permeated the national literary field. The mechanisms of the *underground-mainstream* preposition are identified and, from it, the reading horizons that were behind the articulators of that newspaper, especially its editor, Daniel Paz, a poet from Teresina who accumulated the journalistic function with of a judge of law in the period and space studied. It starts with the understanding that the aforementioned problem terms must be evaluated based on different criteria, not in isolation. In this sense, frames of undervaluation and overvaluation of writers and works were often related to geographical positions, infrastructure and material and/or symbolic links.

Keywords: *Underground*; *mainstream*; literature and press; Piauí.

UNDERGROUND Y MAINSTREAM DEL CAMPO LITERARIO NACIONAL EN O POPULAR, POR FLORIANO

RESUMEN

Al definir como objeto de estudio el diario *O Popular*, de la ciudad de Floriano, Piauí, entre 1918 y 1921, este artículo indaga, desde un punto de vista desplazado del eje Rio-São Paulo, las medidas evaluativas que permearon el panorama nacional del campo literario nacional. Identifica la mecánica de la anteposición *underground-mainstream* y, a partir de ella, los horizontes de lectura que estaban detrás de los articuladores de esa página impresa, en especial su editor, Daniel Paz, poeta del Teresina que acumuló una función periodística como juez de derecho en el período y espacio estudiado. Se parte del entendimiento de que los términos problemáticos antes mencionados deben evaluarse con base en diferentes criterios, pero no de forma aislada. En este sentido, los marcos de subvaloración y de sobrevaloración de escritores y obras a menudo se relacionaron con posiciones geográficas, infraestructura y vínculos materiales y / o simbólicos.

¹ Doutor na área de Estudos de Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Piauí. Licenciado em Letras/Português pela UESPI. Membro do Núcleo de Estudos Literários Piauienses (NELIPI) e Núcleo de Estudos em Literatura e Imprensa Oitocentista (NELIO). Professor Adjunto I da Universidade Estadual do Piauí. Atua principalmente nos seguintes temas: Literatura, História da Literatura, Teoria da Literatura, Crítica Literária, Literatura e Imprensa e Vida Literária. *Humana Res*, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021

Palabras-claves: *Underground; mainstream;* literatura y prensa; Piauí.

Manuel Bandeira ao comentar o trabalho que Guimarães Rosa desempenhara no “Caderno de Cultura”, de *O Globo*, asseverou que “escrever para jornal é como escrever na areia”² (BANDEIRA, 1978, p. 352). A observação deixava implícito o processo histórico que no Brasil silenciou inúmeros escritores pela natural efemeridade das páginas de imprensa. Este fato é tão acentuado que não se pode precisar a porcentagem de nomes, antes ativa no periodismo, hoje esquecida por não ter reunido trabalhos literários em formato de livro – o que condenou exercícios criativos tão-somente às edições de jornal e/ou de revista rapidamente vencidas e colocadas no limbo, quando muito nos porões de um colecionador ou na salvaguarda de alguma instituição. Não foi este o caso do autor de *Grande sertão*, que para Bandeira gravava na pedra para a eternidade, mas se tornou a realidade de vários literatos, sobretudo os internados e isolados nos rincões do país, sem oportunidade de audiência em grandes veículos de imprensa, bem como, antes do *boom* dos trabalhos regionalistas de 1930, fugiam ao eixo Rio-São Paulo.

A pesquisa em periódicos antigos, não por acaso, se torna de grande valia tanto para os estudos históricos como para os literários. Não somente pela possibilidade em retirar do esquecimento nomes que fizeram parte da estrutura social das letras, como por dar acesso, comenta Regina Zilberman (2004), ao proscênio de toda uma vida literária, conformada no significativo tecido de relacionamentos culturais em dado tempo. Relacionamentos estes que não se limitaram à esfera do mundo propriamente literário, mas às estruturas de fundamento.

Dentro desse campo de investigação é possível vislumbrar pontos de vista distintos de grupos intelectuais, ditados provavelmente por suas localizações geográficas ou pelos diferentes graus de subordinação simbólica e estrutural: se nos grandes centros havia a predominância em dar destaque aos nomes “canonizados” ou dotados de relativo prestígio, em geral vinculados às suas esferas de confluência literária; nos espaços afastados e, como regra, invisíveis aos aparelhamentos culturais ou simbólico-hegemônicos, havia, em grande medida, o predomínio em dar visibilidade aos nomes fora dos eixos sobrelevados culturalmente. É claro que esta audiência às vezes podia surgir mais ou menos dividida com os escritores já sagrados, que de modo genérico tinham seus textos reproduzidos em jornais ou revistas, mas, ao que tudo indica, raramente era inferior.

² Compilado em *Andorinha, Andorinha*, sob o título “Rosa em três tempos”.
Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

Sobrevalorização e subvalorização são mensurações que posicionam os escritores no campo literário, no *mainstream* ou no *underground*, respectivamente. Esta dualidade tem fundamento na “economia espiritual”, como quer Paul Valéry, que rege as estruturas do universo literário e, se em um primeiro momento são de ordem simbólica, também se desdobram no material. Além disso, o espaço pode ser entendido como um elemento definidor dessas ocorrências, sendo as cidades ou mesmo as capitais de estados economicamente mais ativas alguns dos fatores que incidem na viabilização de uma mecânica favorável ao prestígio e ao ganho com as letras. Esta é a razão de Pascale Casanova, ao discorrer sobre as mesmas circunstâncias, ter compreendido que “algumas obras valem inseparavelmente por sua condição propriamente literária e também pelas análises vigorosas que fornecem sobre si mesmas e *sobre o universo no qual se situam*” (CASANOVA, 2002, p. 24, grifo nosso). Isso ocorre porque os escritores, de uma maneira ou de outra, estão presos à “comunidade discursiva” que os legitima e os fazem reproduzir ou propalar os códigos de prestígio com os quais essa mesma comunidade sentencia válidos.

A rede que enlaça o exercício do escritor é, ao mesmo tempo, aquela que o materializa, afinal, “a obra só se constitui implicando os ritos, as normas, as relações de força das instituições literárias. Ela só pode dizer algo do mundo inscrevendo o funcionamento que a tornou possível” (MAINGUENEAU, 2001, p. 30). Esse problema levou Robert Darnton a compreender que a valoração implica juízo de valor, e se “os historiadores não estão aparelhados para quantificar graus de iniquidade em períodos diferentes do passado” (DARNTON, 2016, p. 291), é mais do que necessária a adoção de ferramentas de outros campos do conhecimento que auxiliem nessa mensuração tão importante a estudos como este.

O campo literário, em suma, não pode ser visualizado como uma estrutura geopolítica. Se por um lado o centro é passível de localização, por outro, suas margens nem sempre estão claras e podem compor um tecido marginal de valores muito mais complexo do que aqueles comumente aceitos em estrutura modelar e inculcada (em geral, pelo estado por meio de seu sistema escolar). O *underground*, por essa razão, está em todo canto e a localização de um ponto simbólico prestigiado não significa definir ou mesmo visualizar o seu entorno. A razão disso é simples: *territórios literários* são constructos imateriais que podem ser compreendidos a partir de forças que se opõem a um centro ou, pelo menos, a ele não se identificam de maneira direta. Casanova, ao olhar para um esquema ampliado de identificação dos referidos territórios em uma escala mundial, investe na seguinte equação: “os territórios literários são definidos e delimitados de acordo com sua distância estética do espaço de ‘fabricação’ e

consagração da literatura” (CASANOVA, 2002, p. 40). Como esquema pensado para um tipo de problema, esta definição encontra limite ao ser aplicado ao fenômeno sociológico da literatura em ex-colônias ou de menor tradição. Afinal, nesses os critérios de valor são operados de maneira muito diferente e não se pode afirmar com clareza se as realidades do *mainstream* e do *underground* são passíveis a um mesmo nível de aferição valorativa.

Ora, se há uma parcela de leitura que impõe a visão oficial em detrimento de uma marginal, esta não pode ser entendida como insignificante. Pelo contrário, a historiografia literária tem apontado que são desses “subúrbios” ou “confins do campo” que saem as inovações estéticas, impulsionadas, de alguma forma, pela resistência que esses escritores têm aos mesmos códigos canônicos que, de princípio, os escamotearam. Parece ter sido este o entendimento de Arnold Hauser ao criticar o conceito de história da arte como contiguidade e sucessão de fenômenos estilísticos: “as mais significativas criações do espírito humano, as de maior alcance, quase nunca são o resultado de um desenvolvimento deliberadamente determinado, dirigido desde o primeiro instante para um objetivo final”, na realidade, “são o resultado contingente de necessidades especiais, condicionadas pelo tempo e o lugar, e de toda uma série de meios preexistentes, *muitas vezes estranhos e inadequados*”, por essa razão, “são o produto de graduais inovações técnicas que com igual frequência se afastam ou se avizinham do objetivo original, de motivos derivados do momento fugaz” (HAUSER, 1998, p. 669, grifo nosso).

O movimento entre *mainstream* e *underground* é, no fundo, constituído por uma troca quase permanente entre valores, o que torna esses específicos segmentos interdependentes. Nesse sentido, ao partir da leitura de Gramsci, Horacio Gonzales lança entendimento para a constituição valorativa de romancistas de nomeada como Dostoiévski, Balzac e Victor Hugo. A percepção é de que seus exercícios literários, na realidade, “traduzem numa dimensão lírica os enredos mais sensacionalistas de Eugène Sue ou do folhetim popular em geral, este último refletindo sempre aspirações democráticas”, e mais ou menos alinhado a Hauser, infere que

o grande “escritor” tomará temas do folhetim e vice-versa; e, ao longo da época, elementos eruditos somente podem ser mantidos e conservados graças ao gosto popular, assim como – por obra dos empréstimos permanentes – as literaturas elevadas podem conseguir uma vigorosa incorporação de traços literários tidos como “baixos” (GONZALES, 1981, p. 38).

Além disso, pode-se atribuir a esse impulso a adoção de outros códigos que não o da inovação, mas estes devem, a rigor, perpassar por um tratamento a fim de tornar o objeto Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

literário propositivo e ao mesmo tempo capaz de abrir o campo; não por acaso “a lucidez e a revolta contra a ordem literária estão no próprio princípio de sua criação” (CASANOVA, 2002, p. 64). Não há regra fechada em uma análise como esta, mas se se compreender que o marginal é uma instância desterritorializada não apenas distante, mas também participe dos conflitos do próprio centro, notória será que a interpretação contempla ainda os mais variados grupos e as mais distintas motivações, provavelmente em um movimento dialético de difícil sondagem.

Essa situação não apenas problematiza como ilustra a flutuação do termo valor, cujo centro de emissão e irradiação de códigos e de símbolos modelares opera nesta circunstância porque às suas margens existe alguma subordinação, tanto simbólica quanto estrutural. Ao discorrer sobre esse processo, atenta-se aqui mais para um mapa intelectual do que político, muito embora os fatores de ordem econômica tenham um relativo peso sobre as escolhas e as definições valorativas e, por fim, encontram-se na fundação do constructo ideal do “civilizado” metropolitano. Cidades como Floriano, localizada no *hinterland* de um dos estados do nordeste brasileiro, testemunham isso. Este pequeno núcleo urbano, logo nos primeiros anos de sua atividade jornalística, expressa a complexa rede que está por trás da “economia espiritual” do campo literário brasileiro. No caso de seu circuito literário regionalizado, desenvolvido ao longo das três primeiras décadas do século XX, identificou-se uma forte vinculação com o *underground*, comum ao universo inter-regional, em detrimento do *mainstream* de nível nacional; uma lógica que não parece antepor ou mesmo sobrepor um território literário ao outro.

Tal postura talvez não se vincule de maneira tão fechada a conceitos como valor ou autonomia, mas há forte indicativo que aponta o processo resultar de estreitas relações intelectuais e identificações comerciais. Ainda quando no período da República Velha corriam, em paralelo aos ditames de uma cultura de grande centro, intermitentes fluxos intercambiais de escritores que coparticipavam de circuitos de cultura de pouco prestígio e neles alcançavam uma audiência dificilmente obtida nos eixos hegemônicos – não pela qualidade de suas produções, mas em grande medida por estarem fora dos jogos simbólicos e políticos específicos desses espaços. Soma-se ao fato o problemático analfabetismo que de forma aguda assolou o país ao longo de toda a primeira metade do século XX, retirando a possibilidade de autonomia do campo ou mesmo de um circuito literários – aqui se explica o fato de os escritores brasileiros terem dividido suas atenções com outras ocupações de ofício,

tanto no serviço público como no comercial; em um movimento, do ponto de vista francês, estudado e denominado por Bernard Lahire³ como “jogo literário”.

Os prestígios político e literário são prêmios que se confundem e inferem na vida prática dos escritores e ao mesmo tempo servem para mensurar, em nível sincrônico, o pertencimento dos indivíduos que operam no campo literário: quanto maior for o crédito, melhor posição no centro e, conseqüentemente, visualização no *mainstream*; quanto menor o crédito, mais apagado se torna no campo oficial. Seriam estes quase invisíveis nomes os agentes do proscênio da vida literária brasileira, aqueles que ao atuarem no *underground* da história oficial deixaram rastros que, se atentados, sugerem outras camadas de leitura e interpretação acerca das narrativas que compõem a historiografia das letras no Brasil. Mais ainda, analisada com a devida cautela, a escolha de nomes ou mesmo a reprodução de textos que ganham destaque em páginas de periódicos escondem não somente a predileção de editores, na realidade revelam laços ideológicos a estruturas de formação intelectual ou às esferas de poder, sobremodo no recorte histórico aqui empreendido, entre os anos de 1918 e 1921, quando o “jornal tornou-se a grande escola do adulto, quase a única fonte de informação”, tempo em que “a opinião pública não é senão o reflexo da opinião dos jornais, que influencia até a das próprias classes elevadas” (PONCINS, 2020, p. 167).

Mais do que isso, foi o jornal, em cidades internadas no país e distantes dos centros metropolitanos, os únicos veículos de concorrência à estrutura escolar do estado: enquanto este instituía por meio de um cânone seletivo as obras e os nomes significativos da esfera nacional, com destaque em materiais didáticos; aos periódicos restava o espaço do não-oficial.

Em suma, o palco e o proscênio devem ser avaliados a partir de pontos de vista e não de valor ou, mais precisamente, de suas oportunidades e audiências. Ainda quando tanto de uma parte como de outra, erros de paralaxe podem ter deformado em hipertrofia ou em atrofia o valor de nomes e de obras, posicionando-os ou reposicionando-os no campo de maneira equivocada – pelo menos dentro de um recorte específico e a partir de um julgamento sincrônico. Fatos há que demonstram esse problema e alguns podem ser verificados pelo critério do apagamento ou esquecimento de um autor ou obra antes prestigiados; ou, contrariamente, do surgimento de um autor ou obra que não experimentaram quaisquer prestígios em seu tempo. A sondagem dos critérios que definem esses deslocamentos valorativos no campo literário é extremamente complexa e impossível de ser discutida neste breve estudo. Por outro lado, ao tencionarem o problema aqui exposto, eles indicam a

³ Ref. **La condition littéraire**: la double vie des écrivains (2006).
Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

necessidade de uma abordagem mais aberta, consoante a uma mecânica que inter-relacione as duas realidades coexistentes.

Tal percepção não poderia negligenciar o regime de “créditos” atribuído às engrenagens de cada segmento do campo e conseqüentemente a forma como estes mesmos “créditos” são apreendidos – a crítica literária, o espaço nos jornais e a recorrência de nomes, por exemplo, são fortes indicativos do processo de significação simbólica que um dado escritor acumula e, em posse dela, é capaz de reproduzi-la enquanto condição de prestígio: a partir dos produtos dele advindos ou a ele associados. É essa mecânica que está por trás da celebração de um nome, aquilo que torna alguém ou algo, no campo artístico, “referência”; ou como interpreta Casanova a partir de Pound⁴, “é o poder e o valor outorgados a um escritor, a uma instância, a um lugar ou a um ‘nome’, em virtude da crença que lhe concedem” (CASANOVA, 2002, p. 32).

A investigação, como se nota, é ampla e pode contemplar vários níveis de estudo, em especial quando a imprensa viabiliza um olhar “testemunhal” acerca dos meandros dos fatos históricos, com conseqüentes detalhes negligenciados pela peculiar visão panorâmica dos livros. Por tudo, os periódicos são fontes que auxiliam na interpretação de um tempo e de um espaço, em especial aqueles que, por condições de aparente desprestígio nos setores político, econômico e religioso, passaram à história de maneira quase despercebida.

O UNDERGROUND DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR

Muitas vezes reconhecidos como *poetas espontâneos* ou *escritores de horas vagas*, os literatos inscritos no *underground* do campo literário nacional podem ser classificados de duas maneiras: aqueles cujas atividades encontraram pouca repercussão ou, projetados nas páginas de imprensa de seu tempo, hoje se encontram no limbo e praticamente esquecidos. O último caso, por sua natural circunstância produtora de rastro, viabiliza maiores dados e informações ao pesquisador; o primeiro, porém, apresenta desafio e vários entraves à pesquisa. A mais proeminente dessas dificuldades é a localização de traços biográficos de seus autores, muitos dos quais sequer lembrados em obituários de páginas de imprensa onde exerceram alguma atividade e, por razões práticas, estiveram em seus bastidores ou migraram para exercícios de interesse prático, sobretudo no comércio – mais comum ao caso brasileiro. Daí a necessidade em se registrar os dados que a pesquisa identificou nesses

⁴ Ref. *ABC da literatura*.

termos, devido à sua importância para a interpretação da estrutura a que esses literatos pertenciam e, ainda, na identificação de possíveis elos, diretos ou indiretos, com o circuito literário nucleado em Floriano.

O Popular, o objeto de estudo deste artigo, ao ter reproduzido textos em prosa e em verso, geralmente nas primeiras páginas de suas edições, reserva alguns casos exemplares. O primeiro deles é o do poeta espontâneo Américo Moreira, natural de Salvador, na Bahia, com atuação no jornalismo carioca ao lado de figuras de grande destaque nas letras nacionais, como José do Patrocínio e Valentim Magalhães, mas que após rápida incursão nas páginas de imprensa dedicou-se ao ramo de seguros no Rio Grande do Sul, onde, nos anos de 1920, foi agente da Companhia Sul-América, empresa do também poeta Antônio Sanchez Larragoiti – um dos mais fortes anunciantes da moderna imprensa brasileira.

Jaime de Altavila, pseudônimo do poeta e prosador alagoano Amphilóphio de Oliveira Melo, por sua vez, é um caso de autor que em seu tempo alcançou audiência e evidência, pelo menos em algumas capitais brasileiras, como Recife, Belém, Manaus, João Pessoa e Maceió, todavia o tempo tratou de macular o seu protagonismo na vida literária nacional. Nem mesmo a coletânea de contos de sua autoria, *Lógica de um burro* (1924), organizada e publicada por Monteiro Lobato, em São Paulo, foi capaz de dar sobrevida ao seu nome no campo. Colaborador do *Diário de Pernambuco* e do *Jornal do Recife* em tempos de estudo na Faculdade de Direito de Recife, essa dupla filiação, nos primeiros anos do século XX, talvez explique as produções republicadas em *O Popular*, da fase de Daniel Paz, afinal, ambos os escritores deviam comungar do mesmo grupo intelectual e científico pernambucano. Não era, portanto, um nome estranho ao campo literário brasileiro, sobretudo quando importantes periódicos do Brasil publicavam seus sonetos ladeados aos de outros sonetistas fixados no cânone das letras nacionais, tanto pela forma da popularidade no meio intelectual como também institucional, a citar membros da Academia Brasileira de Letras, como Vicente de Carvalho e Olegário Mariano.

Os mesmos laços de proximidade que uniam Jaime de Altavila a Daniel Paz podem ter ligado o poeta Raul Campelo Machado, paraibano que também fez de Recife a sua base de formação intelectual e onde atuara na imprensa por certo período, quando redator do *Jornal do Comércio* pernambucano e colaborador do *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro. Ademais, Machado também gozava de relativo prestígio pela atuação jornalística, em especial após a publicação de *Água de Castália*, publicado em 1919 pela editora carioca J. Ribeiro dos Santos.

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

Jaime de Altavila e Raul Machado representam, em igual perspectiva, a seleta de nomes que vai ganhar audiência nas páginas de *O Popular*, entre os anos de 1910 e 1920, alguns dos quais em homenagem *post mortem*. No horizonte de leituras do editor Daniel Paz, talvez por questões de gosto, moda ou mesmo pela logística diagramática da folha, chama atenção o predomínio de trabalhos poéticos, em especial na forma de sonetos, daí a atenção aos nomes que, por aquele tempo, se destacavam no gênero. É este o caso do sonetista maranhense João Franco de Sá, cujas produções eram assinadas a partir do pseudônimo Alberto de Jesus – mais um dos exemplos de nome do *underground* do campo literário nacional que, embora não tendo reunido produções em livro, gozou, por meio da publicação em periódicos, de relativo prestígio em seu tempo de atuação, apesar de, *a posteriori*, ter passado para o lado desconhecido das histórias de literatura.

Não obstante o destino à sua memória, o poeta teve produções estampadas em importantes folhas periódicas do século XX, como os jornais *Pacotilha*, *O Jornal* e *Correio da Tarde* e as revistas literárias *Os Anais* e *A Renascença*, todos do Maranhão e com repercussão no Piauí. Nesta última, no ano de 1911, foi colega de redação de intelectuais maranhenses de maior projeção, como Viriato Correia, bem como de figuras já conhecidas do meio poético piauiense, a citar a poetisa parnaibana Francisca Montenegro. A investigação não conseguiu identificar se Franco de Sá teve atuação em praças de maior prestígio ou sedes do *mainstream*, todavia, os periódicos das primeiras décadas do século XX reservam uma atuação bastante significativa em São Luís, com trabalhos em variadas escansões e gêneros poéticos, além de participações em agremiações culturais, mantenedoras de periódicos, como o Congresso Maranhense de Letras nos anos de 1910; constando ainda como um dos nomes da coletânea *Sonetos Maranhenses*, publicada em 1923 por um grupo de intelectuais sob a associação “Távola do Bom Humor”, formada por Cipriano Marques da Silva, José Augusto Vieira dos Reis, Joaquim de Souza Martins *et al.* Ademais, realizou um intermitente fluxo pela, hoje, região norte, mais precisamente na cidade de Belém. Fez parte do grupo de escritores intimamente identificados por sua obra e sua vida literária, em boemia – aspectos indissociáveis, sobretudo como letrista e participante de matinês e espetáculos dançantes em seu estado de origem.

Na esteira do mesmo campo e coletânea referida, lembrados por *O Popular*, citam-se os poetas Américo César e Elpídio Santos. O primeiro foi colega de redação de Franco de Sá em *Pacotilha* e *Correio da Tarde*; e colaborador do *Diário do Maranhão*. Falecido em 1912, a publicação de “A surdina”, naquele periódico florianense, reflete o preito de homenagem

que os intelectuais do Piauí da porção sudoeste ainda rendiam à sua memória, como também o fizeram ao amazonense Paulino de Brito, no ano de sua morte, em 1919. O segundo, por sua vez, foi colaborador, no mesmo recorte e como sonetista, tanto em *Pacotilha* como em *O Jornal*, que circulavam São Luís; representou o carioca *Jornal de Charadas*, e fundou o grêmio literário Antônio Lobo, em 1918. Importante destacar que, por esses anos, eram comuns aos intelectuais que operavam no Maranhão encontros (“Horas Literárias”) no Centro Português, geralmente presididos pelo escritor e jornalista lusitano Fran Pacheco – conhecido como crítico e conferencista pelos literatos piauienses, quando então visitou Teresina em excursão intelectual.

O poeta e deputado estadual João Teixeira também fez parte desse grupo e foi lembrado pela “Távola do Bom Humor” em sua coletânea. Na imprensa maranhense integrou o seleto time que compunha o *Diário Oficial. O Popular* deu audiência ao seu soneto “História de sempre”, em 28 de agosto de 1921.

Nenhum dos escritores citados se iguala, porém, a José Augusto Correa, professor que teve uma das atividades intelectuais mais prolíficas da imprensa maranhense nos primeiros anos do século XX. Daí por que a sua assinatura ser uma das mais vistas no recorte desta investigação em *O Popular*, como atesta o quadro adiante. Essa circunstância talvez resida no fato de o referido autor ter atuado como mestre-*filólogo* de toda uma geração de piauienses que migrou para as terras ludovicenses em busca do ensino secundarista no Liceu Maranhense. Nascido em São Luís, Correa publicou artigos, crônicas e contos em diversos periódicos maranhenses, a citar: *O Jornal* e *Pacotilha*. Além disso, foi o primeiro ocupante da cadeira 17 da Academia Maranhense de Letras, ao lado de outras figuras de respaldo intelectual, como o seu confrade piauiense Clodoaldo Freitas, primeiro ocupante da cadeira 18 da referida agremiação.

Outros nomes, não menos importantes, merecem citação, embora de maneira mais sucinta por questão de espaço: Armando Vieira da Silva, poeta e colaborador em *Pacotilha* – já na época de publicação em *O Popular*, colega de carreira de Daniel Paz e membro fundador da Academia Maranhense de Letras; o professor e poeta Vilela de Abreu, promotor da revista de costumes *Caveira de Burro*, redator do jornal *O Combate* e membro da Sociedade Machado de Assis, em São Luís, nos anos de 1910; da amizade com o editor de *O Popular*, ou pelo menos simpatia, explica-se a publicação de produção literária de Olegário Oliveira Júnior, sonetista potiguar, ainda quando fora, em recorte aproximado ao de Daniel Paz, estudante de direito em Recife.

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

Os nomes desta seção são de escritores que provavelmente não tenham gozado de relações culturais *in loco* na cidade de Floriano, embora se expressem por meio das definições e seleções de um editor que, acredita-se, desfrutava as suas amizades. Passa-se agora aos nomes que compunham a seleta do circuito literário do sul piauiense, ora fixados ora com incursões flutuantes pela cidade-polo dessa estrutura. Seria um grupo ainda mais seletivo dentro do *underground* das letras nacionais, posto terem estado, muitas vezes, invisíveis até mesmo no campo literário piauiense do período.

136

SELETA DE NOMES DO CIRCUITO LITERÁRIO DO SUL PIAUIENSE⁵

Das contribuições literárias que merecem referência nesta análise, algumas surgem reclamadas em pseudônimos e versaram sobre assuntos diversos, do político ao sentimental, com destaque para Nazy-Mauriz, de Naziazeno Mauriz. De todos os colonistas relativamente fixos no ano de 1919, não há dúvidas que este tenha sido o que mais investiu em produções em variados gêneros, da crônica à crítica literária, ricas em intertextos – autores e obras de reconhecido mérito filosófico e intelectual, sobretudo de origem alemã, como Arthur Schopenhauer e Goethe, bem como de origem portuguesa, a citar o poeta crítico literário Gomes Leal. Entre as crônicas, há ainda a produção da série “Cartas de Hélade”, dirigidas a uma “Gentil amiguinha”, e crônicas outras, de fundamentação lírica e intimista.

No campo da crítica, esse escritor ajudou a promover a leitura e a interpretação de obras que surgiam no cenário brasileiro. Nesse sentido, e como pertencia ao *underground* do campo literário nacional, a atenção era também dirigida aos escritores que pertenciam ao mesmo subcampo, o que vale como destaque a análise realizada do livro de poemas *Oração materna*, publicado em 1920 pelo poeta ludovicense Assis Garrido (1899-1969)⁶. Divulgou também livros como *Poemas e Sonetos*, publicado no ano anterior e que rendeu a Ronald de Carvalho premiação conferida pela Academia Brasileira de Letras. Nazy-Mauriz não estava só no quesito publicação anônima, havia também os casos de pseudônimos que se ocupavam com assuntos de interesse hodierno e ligados ao Piauí ou a Floriano, é o caso de Pope, de Zélia, de O Publicano, de Fakir e de S. N., este que em sua série “Cartões Postais”, desenvolvida ao longo de 1920, também enveredou pela crítica literária, embora tenha

⁵ O circuito literário do sul piauiense admite essa coordenada de modo genérico, posto sua formação integrar duas mesorregiões do Piauí: a Sudoeste e a Sudeste.

⁶ Ref. “Palavras efêmeras...”, *O Popular*, ano 9, n. 371, 26 set. 1920, p. 1.

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021

rendido notas com assuntos variados, que iam de temas dos cotidianos cidadão, estadual e nacional, como de interesse historiográfico.

No quesito crítico, é válido somar a Naziazeno Mauriz e a S. N. o nome de Marcos Serrano, que em 1921 experimentou o gênero e divulgou produções de escritores em voga, como a do poeta cearense Vidal de Alencar, que, no ano anterior, publicou a coletânea de poemas *Espectro solar* e alcançou audiência não apenas no circuito literário *underground* como também no *mainstream* do eixo Rio-São Paulo, apesar de, posteriormente, ter caído no esquecimento devido ao pouco esmero de seus versos – é o que deixa entrever comentários publicados na imprensa da época. A esse respeito, Serrano (1921, p. 1) tenta contornar: “Se não é o poeta um *parnasiano*, por lhe faltar requintes de métrica e perfeição na *forma*, propende jeitosamente para o lirismo”.

Ainda dentro do espectro de divulgação literária, ao longo das edições de *O Popular*, pelo menos quatro poetisas ganharam audiência em Floriano: as sonetistas Auta de Souza, potiguar falecida em 1919, e a ludovicense Leonete Oliveira, a poetisa alagoana Rosália Sandoval, com incursões significativas na imprensa carioca, sobretudo nos anos de 1930. A quarta era Esther Barroso, que residia em São Raimundo Nonato, e cuja produção geralmente surgia organizada em quartetos com versos intercalados em métricas distintas, eneassílabos e tetrassílabos – algo, aliás, que para 1921 fugia à prática corrente no Piauí, em geral presa a sonetos ou poemas de versificação regular. É o que se nota em “Primavera”:

A primavera vem sorridente
Pelos caminhos...
Depondo beijos no campo algente
E sobre os ninhos.

Os passarinhos em revoada
Passam trinando
De carneirinho vê-se na estrada
Imenso bando.

Nos arvoredos se entrelaçando
As trepadeiras.
E vai o campo todo juncando
Flores rasteiras.

De garças brancas passa a fileira...
Desaparece...
O céu reflete lá na ribeira...
E empalidece...

Tristonha a noite lá do horizonte
Seu manto estende...

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

E a branca lua detrás do monte
O círio acende.

O vento passa num leve arquejo...
Num murmurinho...
E a primavera depõe um beijo
Em cada ninho.

São Raimundo – Piauí (BARROSO, 1921, p. 2).

Comparados aos escritores dos demais circuitos que atuavam em seus espaços, os de Floriano são poucos, mas mais raras ainda as escritoras, o que justifica a citação integral do poema anterior. Nela se nota, de um ponto de vista lírico, o sentimentalismo atrelado aos campos do sudoeste piauiense, de onde se assina o trabalho. Tal característica parece compartilhada entre as escritoras do Piauí, tanto temporal quanto espacialmente, não sendo a visão sobre uma única mesorregião seu traço distinto. Aliás, entre as poetisas piauienses, a motivação dos versos podia responder a uma vocação religiosa ou à identificação de um *topos* poético, intimamente relacionado ao sentimento. É o que se nota, por exemplo, em Luiza Amélia de Queiroz, sobretudo em *Georgina ou os efeitos do amor* (1893), vinculada provavelmente à paisagem do norte piauiense, ou mesmo na prosa, pelo efeito memorialístico, como se percebe na narradora autodiegética de *A vela e o temporal* (1957), de Alvina Gameiro, que situa o enredo nos extremos do centro-norte com o sudoeste – para citar aqui dois casos de distâncias temporais e espaciais em relação ao poema “Primavera”, de Esther Barroso.

Esse aspecto talvez se justifique porque a sociedade piauiense, diferente de outras tantas que, já no período citado, admitiam viés liberal, ainda era fechada e, embora as estruturas maçônica e católica fossem muito bem definidas e, em grande medida, conflitantes, a esta estavam vinculadas as mulheres e alguns homens, mas àquela era porto exclusivo aos homens, sobretudo comerciantes e políticos. Logo, não parecia se repetir no Brasil o que ocorria a Portugal, por exemplo, que nas primeiras décadas do século XX, como aponta Isabel Lousada, iniciadas nos ideais da maçonaria as mulheres encontraram maior projeção nos meios de imprensa. Independente deste fato, uma pesquisa que se pautar na atuação feminina no campo intelectual não pode deixar de verificar a imprensa como uma das fontes primárias mais evidentes, sobretudo à salvaguarda de rastros – no sentido que conferira aos documentos Paul Ricouer. Mais ainda, ao vencerem o analfabetismo e migrarem do código oral para o escrito, as escritoras, ingressantes nas lides públicas do periodismo, sob as várias estratégias que iam do anonimato à exposição de sua autoria, tornaram a imprensa um

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021

“amplificado da voz feminina”, como observa Lousada acerca de Portugal nos primeiros anos do século XX. Algo que, sem dúvida, poderia ser pensado em correlação ao Brasil, por, em acordo à realidade histórica de suas mais variadas unidades federativas, ter sido “semente em terra fecunda e espelha a luta empenhada e sacrificada de tantas mulheres cujas causas mitigadas foram invariavelmente varridas da historiografia” (LOUSADA, 2012, p. 73).

Outro ponto que merece nota em *O Popular* é que nos horizontes literários de suas páginas há a prevalência de autores nordestinos, talvez pelo fato de a classe intelectual da cidade ter estabelecido vínculos de contato e troca de produções tanto com escritores de cidades da região como com os conterrâneos que moravam em outros estados, alguns dos quais pertencentes a circuitos literários comuns ao *underground* do campo literário brasileiro; outros, porém, inseridos em meios culturais com maior imposição e influência. São os casos dos poetas Esmaragdo de Freitas e Hugo Vítor Guimarães e Silva, ambos naturais de Floriano. O primeiro, formado em ciências jurídicas em Recife, foi crítico literário e cronista na imprensa pernambucana, quando então migrou para o Rio de Janeiro e manteve colaboração congênere nos jornais *A Manhã* e *Leitura*. Seus movimentos pelas praças brasileiras, aliás, eram sempre notificados na seção telegráfica de *O Popular*, indiciando o preito de admiração que editores rendiam a um de seus filhos mais ilustres. Mesmo afastado do estado natal por certo tempo, sua atuação na imprensa do Piauí era uma constante, bem como seu nome lembrado para o quadro societário de importantes instituições piauienses de fomento histórico e cultural, como o Instituto Histórico do Piauí, que o elegeu membro em 19 de novembro de 1920.

O segundo, nascido em 1898, filho do capitão José Guimarães, publicou em Fortaleza, no Ceará, uma coletânea de dezesseis poemas intitulada *Átomo obscuro* (1918). Na capital cearense, onde estudou ciências jurídicas e exerceu o cargo de delegado auxiliar de polícia, Hugo Vítor absorvia a vida literária em meio a instituições de fomento cultural, como o Recreio Literário Soriano Albuquerque, Grêmio Pio X, União Artística Iguatuense, Sociedade Cearense de Geografia e História, Instituto Histórico do Ceará, Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua, Gabinete de Leitura Gustavo Barroso. Exerceu ainda atividade jornalística ao editar a revista *A Conquista* e o jornal *A Semana* (de Iguatu), e participar de outros veículos, como *O Argus*, *A Nota*, *A Cultura Acadêmica*, *Almanaque do Ceará*, *O Nordeste*, *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, *O Povo*, *O Estado* e *Unitário*. Em seu estado de origem, também foi membro de importantes instituições, dentre elas Instituto Histórico e Geográfico

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

Piauiense. Assim, em outros espaços, participou como membro-correspondente da Sociedade Geográfica de Cuba e do Instituto Histórico e Genealógico de São Paulo.

Ainda na capital cearense, alimentou amizades com figuras exponenciais, como o historiador Gustavo Barroso, membro da Academia Brasileira de Letras, que, um ano após a morte do piauiense, comentou no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro: “Há muitos corações em Fortaleza que batem no mesmo ritmo que o meu. Entre os mais próximos estava o desse boníssimo e inteligentíssimo Hugo Vítor”, e continua, “evoco-o no fundo da minha saudade com sua tez morena e pálida, com seu riso franco, com seu olhar irônico, o cigarro na boca e a alma sempre pronta a compreender a beleza e a praticar a bondade”⁷.

Porque a passagem pelo Instituto Histórico do Ceará foi um dos capítulos mais importantes na vida de Hugo Vítor, este fato merece aqui mais uma atenção, em especial nos anos de 1930, quando se tornou um dos colaboradores da *Revista do Instituto do Ceará*, tendo como confrades e colegas de redação os mais significativos intelectuais do Ceará de então, a citar Djacir Menezes, um dos primeiros estudiosos a se dedicar a ensaiar, em livro (*O outro Nordeste*, 1937), a recém-definida região nordestina; Thomas Pompeu Sobrinho, as escritoras Maria Rodrigues Peixe (a Alba Valdez) e Rachel de Queiroz, os folcloristas Leonardo Mota, o potiguar Luiz da Câmara Cascudo, o historiador Raimundo Girão, entre outros.

Escritores piauienses pertencentes não a Floriano, mas a outros circuitos literários, também podem ser citados, inclusive por suas atuações tanto no campo literário quanto no político. A começar por João Crisóstomo da Rocha Cabral, poeta e crítico literário, autor de um dos mais fecundos ensaios a respeito da literatura piauiense na primeira metade do século XX, “A vis poética na literatura piauiense”, proferido em 1938. Cabral, enquanto cursava ciências jurídicas na Faculdade de Direito de Recife, foi um dos piauienses com significativa atuação na vida literária e cultural da capital pernambucana oitocentista. Oriundo de Jerumenha, na passagem do século XIX para o século XX conheceu a evolução histórica de Floriano e testemunhou a manifestação de poetas populares na ainda Colônia de São Pedro de Alcântara, dando destaque a Jesuíno da Silva, “poeta popular, de muito poucas letras, mas loquaz e escrevinhador indefesso, quase lunático, do qual recebi as confidências literárias e um caderno contendo, em vistosa caligrafia, composições poéticas de sua lavra, que me disseram inesgotável” (CABRAL, 1940, p. 130). O valor histórico dessa nota se deve ao registro mais antigo que se tem de um poeta, ainda no século XIX, com atuação na antiga vila

⁷ “Saudade duma alma”. *A Manhã*, Rio de Janeiro, RJ, ano 10, n. 3.021, 8 jun. 1951, p. 4. Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021

florianense, antes mesmo da cidade assistir à estruturação de seu circuito literário nas primeiras décadas do século XX, como aqui se tem apresentado.

Também comungava de relações cordiais com os intelectuais instalados em Floriano o escritor piauiense Luiz Carvalho. Em várias ocasiões o poeta esteve na cidade, sobretudo neste recorte de investigação, período em que atuava na imprensa da capital maranhense e estabelecia os elos necessários entre os escritores do Maranhão e do Piauí – papel este desempenhado ao longo dos anos de 1920, com se nota ao analisar seus trabalhos como secretário do matutino *Jornal da Manhã*, que corria aquele estado. Assim como os demais conterrâneos que se fixaram em outras terras para fins de trabalho ou estudo, as visitas ao Piauí (nas mais diferentes cidades: Parnaíba, Teresina, Floriano e Oeiras), bem como as esporádicas colaborações à imprensa, tanto de Parnaíba como de Teresina, demonstram que Luiz Carvalho não estava desligado do campo literário piauiense.

O MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR

Dos poetas que compunham a seleção dos editores Daniel e José Pires Ferreira, de 1918 a 1921, é possível citar também alguns pertencentes ao *mainstream* literário nacional, como o sonetista Olegário Mariano. Pernambucano, de Recife, seu nome não era desconhecido entre os intelectuais piauienses, encontrando reverberação nas páginas da imprensa teresinense, sobretudo no jornal *O Arrebol*, em sua terceira fase, referente aos anos de 1920. Importante acrescentar que Mariano, enquanto protagonista do eixo Rio-São Paulo, fora eleito em 1926 para a Academia Brasileira de Letras, antecedendo seu primo, Manuel Bandeira, alçado à imortalidade acadêmica em 1940. Olegário encontrou vasta audiência na imprensa carioca e tinha boas relações com os escritores do Nordeste: em 1927, por exemplo, dividiu espaço com Berilo Neves, outro piauiense, de Parnaíba, na revista *Careta*.

A imprensa piauiense desse mesmo recorte rendeu homenagem e admiração a outro nordestino do *mainstream* de sua época, o escritor maranhense Coelho Neto, que assina seção folhetinesca no jornal *O Popular*, talvez extraída da imprensa do Rio de Janeiro, onde esse prosador tinha forte atuação.

Este artigo não visa esgotar as análises nem os nomes, importante, porém, destacar que no recorte empreendido, dos mais de cem nomes identificados nas páginas de *O Popular*, a minoria estava inscrita no *mainstream* das letras nacionais. Afora os nomes já citados, é possível citar, entre outros igualmente conhecidos, vivos e mortos: Alberto de Oliveira,

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

Valentim Magalhães, Augusto de Lima, Belmiro Braga, Hermes Fontes, Humberto de Campos, Medeiros Albuquerque, Luís Edmundo, Mário Pederneiras, Olavo Bilac e Rui Barbosa; e, do campo literário piauiense, Abdias Neves, João Francisco Ferrí, Lucídio Freitas e Nei da Silva.

O quadro a seguir procura sintetizar os achados da pesquisa. Para além do elenco e sua organização, ele também permite a visualização de segmentos importantes, como origem dos escritores (região, estado e município), nomes e possíveis pseudônimos, data de publicação em *O Popular*, título da produção literária e seu consequente gênero. Para efeito de estudo, centra-se o referido no recorte aqui empreendido e nos nomes cujos dados foram localizados a partir de uma investigação em fontes primárias e/ou secundárias; dispensando, portanto, aqueles cujos dados ficaram incompletos ou de difícil confirmação.

142

PRODUÇÕES E ESCRITORES DO MAINSTREAM E DO UNDERGROUND DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL PUBLICADOS EM O POPULAR (1918-1921)							
REG	UF	CIDADE	AUTOR	DATA	TÍTULO	GÊNERO	
NORDESTE	AL	Maceió	Amplilóphio de Oliveira Melo, 1895-1970 (Jaime de Altavila)	6 jun. 1920	Onda que volta ao mar	Soneto	
			Rosália Sandoval, 1876-1956	20 jul. 1919	A janela	Quartetos	
	BA	Salvador	Américo Moreira, 1856-1927	10 out. 1920	Brinde de honra	Soneto	
			Antônio Augusto de Mendonça, 1830-1880	5 set. 1920	Esperança e amor	Soneto	
			Rui Barbosa, 1849-1923	7 set. 1919	Credo político	Oração	
		Itaparica	Xavier Marques, 1861-1942	5 out. 1919	Amor próprio	Soneto	
	CE	Acaraú	Pe. Antônio Tomás, 1868-1941	22 dez. 1918	Lutas intestinas	Soneto	
		Icó	Viana de Carvalho, 1874-1926	16 mar. 1919	Pobres	Conto	
	MA	Alcântara	-	João Franco de Sá, 1888-1922 (Alberto de Jesus)	21 mai. 1921	Enfermo	Soneto
				A. Américo César, ???-1912	1 jun. 1919	A surdina	Soneto
				Elpídio Santos, ???-???	21 nov. 1920	Sê forte, coração	Soneto
				João Teixeira, 1895-1921	28 ago. 1921	História de sempre	Soneto
		São Luís	-	José Augusto Correia, 1854-1919	13 out. 1918	Regina	Crônica
					1 dez. 1918	A virtude	Crônica
					8 dez. 1918	O abuso de autoridade	Artigo
					29 dez. 1918	A mascarada	Conto
					16 mar. 1919	Mãe-Mulher-Filha	Crônica
30 mar. 1919					Os dois destinos	Conto	
6 abr. 1919	Panaceias				Conto		
1 jun. 1919	Amai o livro	Crônica					

				7 set. 1919	O cego	Crônica
				26 out. 1919	A hipocrisia	Crônica
				9 nov. 1919	Recordando	Crônica
				14 dez. 1919	Violão	Crônica
			Leonete Oliveira Lima Rocha, 1888-???	2 nov. 1919	A louca	Soneto
		Armando Vieira da Silva, 1887-1940	13 mar. 1921	Ao meu coração	Soneto	
		-	Vilela de Abreu, ???-???	6 mar. 1921	Saudade	Soneto
	PE	Recife	Medeiros e Albuquerque, 1867-1934	25 set. 1921	A luta dos beijos	Soneto
			Olegário Mariano, 1889-1959	13 out. 1918	Felicidade	Soneto
				27 abr. 1919	Dor de recordar	Soneto
	PI	Teresina	Abdias Neves, 1876-1928	11 abr. 1920	Aspectos e perspectivas	Soneto
	RN	Macaíba	Auta de Souza, 1876-1901	6 abr. 1919	O beija-flor	Soneto
		Assu	Olegário de Oliveira Júnior, 1895-????	2 jan. 1921	Soneto	Soneto
	SE	Boquim	Hermes Fontes, 1888-1930	26 jun. 1921	Perpétua	Soneto
NORTE	AM	Manaus	Paulino de Brito, 1858-1919	9 nov. 1919	Nobre orgulho	Soneto
	PA	Vigia	Alves de Sousa, 1882-1943	13 jun. 1920	Pérolas perdidas	Soneto
		Jaboatão	José Eustáquio de Azevedo, 1867-1943	11 abr. 1920	Ao entardecer	Soneto
	ES	Alfredo Chaves	José Madeira, 1893-1944	10 out. 1920	A Alguém	Oitavas
SUDESTE	MG	Vargem Grande	Belmiro Braga, 1872-1937	12 jan. 1919	Versos de outrora	Soneto
	RJ	Saquarema	Alberto de Oliveira, 1857-1937	16 out. 1921	Neblina	Soneto
			Magé	Antônio Lamego, 1868-1942	22 ago. 1920	No confessionário
		Rio de Janeiro	Valentim Magalhães, 1859-1903	19 dez. 1920	A nau da vida	Soneto
			Luís Carlos da Fonseca M. Barros, 1880-1932	9 fev. 1919	Esfinge	Soneto
			Luís Edmundo, 1878-1961	14 dez. 1919	Soneto	Soneto
			Mário Pederneiras, 1867-1915	24 jul. 1921	Caminhos da vida	Soneto
			Olavo Bilac, 1865-1918	29 jun. 1919	Consolação	Soneto
		10 abr. 1921		A montanha	Soneto	
	8 mai. 1921	Desterro	Soneto			
	SP	São Roque	Cláudio de Souza, 1876-1954 (Ana Rita Malheiros)	5 set. 1920	Crônica	Crônica
SUL	PR	Bragança	De Castro e Souza, 1891-1934	29 dez. 1918	Amor de mãe	Soneto
				11 jul. 1920	A caridade	Soneto
	RS	Porto Alegre	Múcio Teixeira, 1857-1926	22 jun. 1919	Íntima...	Soneto
				26 set. 1920	O sonho dos sonhos	Soneto
		Rio Pardo	Oscar Pederneiras, 1860-1890	3 out. 1920	Força na fraqueza	Soneto

Uma análise rápida da tabela demonstra que a maior parte dos trabalhos e nomes elencados para ilustrar as páginas de *O Popular* advinha do Maranhão, e não por acaso: além de o Piauí e aquele estado terem várias cidades geminadas, separadas apenas por um rio (o Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021

UNDERGROUND E MAINSTREAM DO CAMPO LITERÁRIO NACIONAL EM O POPULAR, DE FLORIANO¹

Parnaíba), a capital, São Luís, estava ligada às terras piauienses por estreitos vínculos econômicos e intelectuais, centro que serviu de base a vários escritores do Piauí desde as últimas décadas do século XIX, quando migravam para a “Atenas brasileira” em busca de formação; conseqüentemente, integrando-se à vida intelectual desse espaço.

Um segundo ponto a se confirmar é a predominância de autores do então Norte (hoje, Norte e Nordeste) e não do Sul (hoje, Sudeste e Sul). Além disso, a maior parte dos nomes que alcançou audiência em *O Popular* integra-se ao *underground* do campo literário nacional, e não ao *mainstream*, ou quando muito ao *mainstream* regionalizado, resultando de seus escritores alcance de prestígio ou notoriedade a partir de uma estrutura simbólica, como agremiações ou academias de letras.

144

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao antepor os dois subcampos aqui referenciados, o *underground* e o *mainstream*, componentes dialéticos do campo literário nacional, o que se percebe em periódicos como *O Popular* é a predominância de nomes pertencentes ao primeiro tipo, sobretudo de autores nordestinos. Analisados os dados em tabela, notam-se ainda outras peculiaridades que valem a pena menção: enquanto os autores inscritos no *underground* atuam predominantemente fora do eixo sobrelevado das letras brasileiras, presos que estavam a encargos vários nas mais distintas cidades e capitais do Norte e do Nordeste; os atuantes do *mainstream*, além de protagonistas intelectuais na capital são ainda sacralizados pela Academia Brasileira de Letras. Para uma ideia clara, dos escritores desse subcampo republicados em *O Popular*, no recorte aqui empreendido, somente um não pertencera à ABL, foi o caso de Hermes Fontes, os demais ou já pertenciam à instituição ou mais tarde ocupariam lá o seu assento: Coelho Neto, Humberto de Campos, Olegário Mariano, Rui Barbosa, Xavier Marques, Augusto de Lima, Valentim Magalhães, Luís Edmundo, Olavo Bilac e Vítor Viana. E desses, seis advinham do Nordeste.

Esta quantidade é diminuta frente aos demais nomes que a folha escalonara no mesmo período do *underground* literário brasileiro, advindos de pelo menos quatro regiões, aqui diferenciadas extemporaneamente, Norte, Nordeste, Sul e Sudeste, com destaque autores do Maranhão: João Teixeira, José Augusto Correa, Leonete Oliveira Lima Rocha e Vilela Abreu. Apesar de apresentarem uma realidade dificilmente incontestada, essa quantidade não é exata, afinal não se contabilizaram aqui outros tantos escritores que atuaram em Floriano porque

suas procedências ou mínimos traços biográficos se mostraram perdidos ou não registrados nas fontes consultadas: livros, dicionários biobibliográficos, periódicos antigos e sítios de investigação virtual.

Para além da descrição, os dados levantados apontaram para a necessidade de um estudo futuro acerca da relação que esses escritores estabeleceram com estruturas de poder, em especial o político; ou ainda o exercício de funções outras, de sentido mais liberal. Tal visada teria o papel de refletir o cruzamento dos campos simbólico e material e seus consequentes cruzamentos, desdobramentos e interpolações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. **Andorinha, andorinha**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

BARROSO, Esther. Primavera. **O Popular**, Florianópolis, PI, ano 10, n. 412, p. 2, 14 ago. 1921.

BARROSO, Gustavo. **Saudade duma alma**. A Manhã, Rio de Janeiro, RJ, ano 10, n. 3.021, p. 4, 8 jun. 1951.

CABRAL, João. A vis poética da literatura piauiense. *In*: CÂMARA, Adauto; CABRAL, João. **Conferências**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1940. p. 109-208.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade: 2002.

DARNTON, Robert. **Censores em ação**: como os Estados influenciaram a literatura. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GONZALES, Horácio. **O que são intelectuais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOUSADA, Isabel. Elos de progresso científico e social: contributo para a História das Mulheres cientistas em Portugal. *In*: LOUSADA, Isabel; GONÇALVES, Maria José (orgs.). **Women, Science and Globalization. What's up?** Lisboa: AMONET, 2012. p. 57-85.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**: enunciação, escritor, sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PONCINS, Léon de. **As forças secretas da revolução**. São Paulo: Castela, 2020.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERRANO, Marcos. Espectro solar. **O Popular**, Florianópolis, PI, ano 10, n. 412, p. 1, 14 ago. 1921.

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 126 a 145, jan. a ago. 2021